



**MEMOIRS** - FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS | **MEMOIRS** - CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
**MAPS** - PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS: UMA CARTOGRAFIA PÓS-COLONIAL | **MAPS** - EUROPEAN POSTMEMORIES: A POSTCOLONIAL CARTOGRAPHY

Sábado, 11 de dezembro de 2021



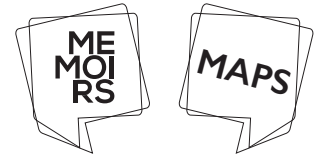
*Mitologias*, de António Olé | Marginal de Luanda | 2014 | Nuno Simão Gonçalves (cortesia do fotógrafo)

## “NÃO HAVIA OLHOS INOCENTES” [1]

Hélia Santos

*Para Augusta Silva*

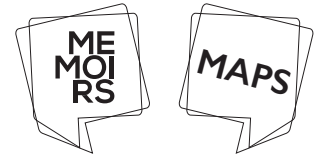
Neste breve texto, esboço uma hipótese que discuto no meu trabalho de investigação no âmbito do projeto *MEMOIRS*: se a narrativa da pós-memória, elaborada a partir de restos de memórias familiares, omite ou ignora as identidades raciais no tabuleiro político do colonialismo, a dimensão de género, por seu turno, desaparece ou é esboçada numa colagem sépia.



## “NÃO HAVIA OLHOS INOCENTES”

Nas entrevistas que analisei, com descendentes de famílias que viveram a fase final do colonialismo em Angola, a situação das mulheres é pintada de forma impressionista, com episódios circunscritos à utilização de roupas mais leves, ao convívio entre rapazes e raparigas (sempre mediado por irmãos ou primos), à existência de escolas mistas e à possibilidade de estudar. Situações que seguramente se explicam com o contexto sociodemográfico, político e geográfico em que se vivia, mas experienciado e narrado como evidência do “modo de ser” ontologicamente diferente “em África” (sic), que se percebia como um espaço de liberdade, portanto, também para as mulheres. Avançando na minha análise, percebi, no cruzamento das diferentes entrevistas, que seria uma “liberdade” pouco materializada nas memórias, e principalmente reservada às mulheres pertencentes ao tecido social colonizador, urbano e branco de Angola. Uma liberdade enquadrada numa narrativa familiar maior de celebração mnemónica de um passado nostálgico. Esta narrativa sobre a “liberdade das mulheres” e Angola requer um trabalho de análise das microecologias [2] das relações de género e da gestão colonial das sexualidades, um trabalho que não realizei nem tão-pouco considero iniciar com este texto, mas para o qual aponto no desenvolvimento da minha investigação. Este é um trabalho de análise crítica urgente em Portugal, a que o livro de Margarida Calafate Ribeiro, *África no Feminino* [3], dá um pioneiro pontapé de saída, pelos testemunhos que recolheu com mulheres brancas que acompanharam os seus maridos mobilizados para a Guerra Colonial nas ex-colónias africanas que nos confidenciam: “Duas palavras contraditórias poderiam resumir este tempo: felicidade e angústia” [4].

Cruzando as duas categorias sociais esquecidas na pós-memória, raça e género, é de fácil conclusão que a condição da mulher negra no espaço colonial é um longo e estridente silêncio social, e assim se mantém nas memórias das famílias. Nas entrevistas, a experiência das mulheres não-brancas pode apenas ser “adivinhada” por entre silêncios, presenças e esperas. São personagens secundárias numa história familiar onde, afinal, terão sido centrais de acordo com as referências morais da época que definiam que era sobre as mulheres que a arquitetura das famílias se erigia e era nelas que se depositava a gestão de uma certa “normalidade”. *Pedro* (participante no meu estudo, nascido em 1973 em Angola, não-branco) emociona-se ao recordar como elemento basilar da sua formação pessoal a presença inabalável e quotidiana da mãe (não-branca) durante a sua infância numa vila da região centro de Portugal. Porém, *Pedro* admite não saber nada sobre a vida da mãe em Angola, sobre as suas memórias, sobre a sua vivência da colonização e da rutura da descolonização. Essa experiência familiar surge pela voz ruidosa, inconformada, revoltada do pai (branco), em contraponto a uma presença inabalável e silenciosa da mãe. Como Marianne Hirsch descreve na sua análise ao filme *Shoah*, de Claude

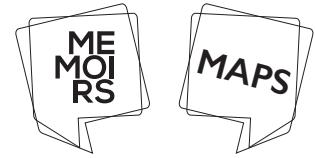


## “NÃO HAVIA OLHOS INOCENTES”

Lanzmann: “as mulheres não estão simplesmente ausentes: tendem a funcionar como tradutoras e mediadoras, sendo portadoras da história e do seu tecido afetivo, mas não a gerando elas mesmas.” [5]

Na segunda geração, é, precisamente, no campo artístico - nas artes visuais e na literatura - que encontramos as primeiras vozes de mulheres. No caso que me ocupa, é significativo que nos três romances fundadores do que poderíamos chamar de “literatura da pós-memória”, precisamente de autoria de três mulheres escritoras, encontremos personagens familiares masculinas no centro das memórias do colonialismo e do seu fim: *Cadernos de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo [6], *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso [7], e *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida [8]. O colonialismo é imaginado como uma aventura masculina: “Porque aquela terra, senhores, era do meu pai. O meu pai era todo o povo moçambicano.” [9]

Se a pós-memória literária inicial procura compreender, discutir ou até anular a narrativa do pai, recentemente duas escritoras estreantes trazem a relação filhas/mães para a cena do texto, numa tentativa vã de cicatrizar fraturas irreversíveis entre filhas(os) e mães: *Os Pretos de Pousaflores*, de Aida Gomes [10] e *Essa Dama Bate Bué* [11], de Yara Monteiro. Nestes dois romances, os sentimentos, as reflexões e decisões das mulheres negras chegam-nos pela sua conversa interior a que a *ousadia* das escritoras nos dá acesso. Se as suas experiências se mantêm silenciosas no seu contexto social, cultural, político ficcionados, as suas memórias intensas são o combustível para a sua ação, “o conceito de vítima [*assim*] ressignificado na forma como a mulher recupera a propriedade e a capacidade de ação do seu corpo usurpado.” [12] Quando finalmente, no último capítulo de *Essa Dama Bate Bué*, Vitória recebe uma carta da mãe Rosa em resposta à sua tentativa de contacto, percebe que, quarenta anos volvidos, a mãe, combatente pela liberdade e na guerra civil pós-independência, recusa enfrentar o seu passado de combates, violações, aprisionamento, torturas, traições, de que a sua filha é fruto. Vitória descobre que é *corpo* de um passado de violência, um subtexto que vai descobrindo na sociedade angolana. O passado é perene, e a sua violência atravessa todas as relações: quando chega a Angola para procurar a mãe, Vitória é acolhida por Juliana, antiga companheira, amiga e, afinal, a traidora que denuncia a sua mãe Rosa ao inimigo, não antes de salvaguardar (num gesto de humanidade, só aparentemente contraditório) que Vitória está a salvo com os avós. Ao descobrir finalmente a sua origem e as razões para o desaparecimento da sua mãe, Vitória fica suspensa, à espera.



## “NÃO HAVIA OLHOS INOCENTES”

[Vitória]: - O que faço?

[Juliana]: - O que achares que é melhor para ti. Pode parecer estranho, mas, aqui, te queremos todos bem. Espera, Vitória. Espera só. És de um povo que ainda está à espera, que espera, sempre. [13]

Para Vitória, para a sua mãe, para o seu “povo”, *a espera* (por paz, por justiça, por um futuro, por uma identidade, por uma família, por uma mãe?) eterniza-se num tempo presente controlado pela violência do passado, onde todos se relacionam como perpetradores e vítimas e testemunhas e “sujeitos implicados” [14]. A mãe Rosa, ausente do romance, cuja carta enviada à filha protagonista o/a leitor/a nunca lê, não traz só a imagem ausente da dor e violência, impossível de representar; ela coloca as mulheres no centro da luta política, muito além do papel de “absorção do trauma” na esfera familiar, que Hirsch deteta. A sua ausência constitui em si mesma, afinal, uma força histórica e narrativa fundamental se quisermos entender os sujeitos políticos e as sociedades pós-coloniais africanas e europeias, herdeiras deste passado que nos enforma o presente.

A violência do colonialismo continua a esquecer-se, e, circularmente, a produzir esquecimentos, nos quais o lugar das mulheres negras violentadas é particularmente ignorado, “excluídas [...] até da história da dor” [15]. Como escrevia Hannah Arendt: “ninguém problematiza ou examina o que é óbvio para todos” [16].

[1] - Figueiredo, Isabela. 2009. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus Editora, p. 28.

[2] - Stoler, Ann Laura. 2009. *Along the archival grain: epistemic anxieties and colonial common sense*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

[3] - Ribeiro, Margarida Calafate. 2007. *África no feminino: as mulheres portuguesas e a Guerra Colonial*. Porto: Afrontamento, p. 66.

[4] - Igualmente, têm surgido trabalhos de recolha de testemunhos de mulheres nas lutas de libertação, nomeadamente em Angola.

[5] - Hirsch, Marianne. 2012. *The Generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. New York: Columbia University Press, p. 12.

[6] - Figueiredo, Isabela. 2009. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus Editora.

[7] - Cardoso, Dulce Maria. 2011. *O retorno*. Lisboa: Tinta da China.

[8] - Almeida, Djaimilia Pereira de. 2018. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Lisboa: Companhia das Letras. A autora dialoga

## “NÃO HAVIA OLHOS INOCENTES”

com personagens masculinas no rescaldo do colonialismo no ensaio autobiográfico *Esse Cabelo* (2015), e em *A Visão das Plantas* (2019).

[9] – Figueiredo, Isabela. 2009. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus Editora, p. 97.

[10] – Gomes, Aida. 2011. *Os pretos de pousaflores: romance*. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote.

[11] – Monteiro, Yara. 2018. *Essa dama bate bué!* Lisboa: Guerra & Paz. Na [Newsletter Memoirs nº 107](#), a autora sublinha a importância do arquivo do avô materno na inspiração para este livro.

[12] – Martins, Catarina (2019), “Corpos Nus de Mulheres Negras: poéticas da violência / poéticas da resistência”, in Ana Maria Veiga et al. (org.), *Mundos de Mulheres no Brasil*. Curitiba, Brasil: Editora CRV, p. 181 (175-184).

[13] – Monteiro, Yara. 2018. *Essa dama bate bué!* Lisboa: Guerra & Paz, p. 206.

[14] – Conceito de Michael Rothberg, apresentado por Miguel Cardina na [newsletter Memoirs nº 82](#).

[15] – Martins 2019, p. 181.

[16] – Arendt, Hannah. 1970. *On violence*. New York: Harcourt, Brace & World.

Hélia Santos é investigadora júnior do Centro de Estudos Sociais. Integra a equipa do projeto *Memoirs: Filhos de Império e Pós-memórias Europeias* (ERC Consolidator Grant, nº 648624) onde se encontra a desenvolver o projeto de doutoramento “Paradoxos Coloniais: memória, pós-memória e esquecimento em narrativas de segunda geração”, sob orientação de António Sousa Ribeiro.

ISSN 2184-2566

*MEMOIRS* é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624); *MAPS Pós-Memórias Europeias: uma cartografia pós-colonial* é financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT - PTDC/LLT-OUT/7036/2020). Os projetos estão sediados no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.



Cofinanciado por:

